

Bancários da Caixa exigem respeito. Como sempre, estamos do mesmo lado do povo

As filas formadas diariamente em frente às agências da Caixa Econômica Federal para o pagamento do Auxílio Emergencial têm revelado o drama de milhões de brasileiros, que hoje dependem do benefício para sobreviver, além disso, têm exposto as dificuldades de garantir atendimento digno e seguro. O problema da população ganha visibilidade, mas as enormes dificuldades enfrentadas por bancários e bancárias para enfrentar esse desafio continuam sem a atenção necessária. Ao contrário, apesar do imenso esforço para continuarmos trabalhando e atendendo o público, somos alvos de críticas infundadas por total desconhecimento da realidade atual da categoria.

Os funcionários da Caixa têm consciência do seu papel social e orgulho de fazer parte de um banco público que há mais de 150 anos presta serviços à população mais necessitada. Não há recusa ou falta de empenho no atendimento, apesar da recente redução de pessoal: nos últimos cinco anos, 15 mil funcionários deixaram o banco. Com esse quadro, a Caixa assume a responsabilidade de acolher as 50 milhões de pessoas habilitadas para receber o Auxílio Emergencial. Outros 26 milhões estão na fila, aguardando análise. Calcula-se que o número total de beneficiados possa chegar a 90 milhões de brasileiros. Estes números trazem à tona o quadro de precarização do mercado de trabalho no país, fruto dos ataques aos

direitos do trabalhador realizados nos últimos anos através da Reforma Trabalhista e de outras medidas. Quase metade da população brasileira está à margem do mercado formal de trabalho.

Os bancários têm enfrentado riscos diários, atendendo a filas inesgotáveis, para que os benefícios cheguem às mãos dos mais necessitados. Mesmo sem as condições ideais de segurança, os empregados da Caixa têm se desdobrado para executar a missão que



lhes foi confiada. O Sindicato dos Bancários do Rio e as diversas associações de funcionários da Caixa, preocupados com a segurança e a saúde dos empregados, têm realizado incessantes cobranças e negociações para que não faltem nas agências equipamentos de proteção, como barreiras de acrílico, máscaras e álcool gel. E garantimos avanços nesse sentido. Temos, ainda, insistido na necessidade de agendamento do atendimento, no investimento em campanhas informativas, na contratação de empresas para organização e triagem nas

agências, além da incorporação das demais instituições financeiras no pagamento do auxílio, sendo que nenhuma dessas reivindicações, que minimizariam os problemas enfrentados, tenham sido atendidas até o momento.

Mesmo diante de todas as dificuldades, seguimos cumprindo nosso papel. Muitos bancários estão adoecendo, três já perderam a vida no município. Manter as agências abertas tem sido um esforço diário para os funcionários e o fechamento se dá apenas em caso de suspeita concreta de contaminação de um funcionário por coronavírus. Portanto, nesses casos a suspensão do atendimento se torna necessária para que haja descontaminação da agência, garantindo a volta ao funcionamento com segurança para bancários e clientes. Diante dessa realidade, nos causa profunda indignação saber que um jornalista é capaz de afirmar que “qualquer espirro leva ao fechamento de agências da Caixa”. Além de mentirosa, essa é uma fala absolutamente desrespeitosa com a nossa categoria. Lamentamos profundamente que órgãos de comunicação prestem um desserviço num momento tão grave quanto o que vivemos. Assim como respeitamos os jornalistas, que têm papel importante e continuam em suas funções durante a pandemia, exigimos respeito ao nosso esforço diário, pois arriscamos nossa saúde e nossa vida para cumprir, com profissionalismo e consciência, o papel que nos cabe.

A importância do Sindicato em sua vida

Diante da atual conjuntura da maior pandemia do mundo em cem anos, da crise econômica causada pelo coronavírus e mais os ataques dos direitos dos trabalhadores pelo Governo Bolsonaro, mais do que nunca, os bancários se dão conta da relevância do Sindicato em suas vidas. Por si só, os dados comprovam que os países que possuem os maiores índices de trabalhadores sindicalizados estão entre os que apresentam o melhor desempenho no ranking do IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – no mundo. Mesmo a Alemanha, Irlanda e países baixos, que também se destacam no IDH, possuem índices de sindicalização bem superior ao do Brasil, embora ainda abaixo dos países nórdicos. Agora, diante da calamidade do Covid-19 e suas consequências sobre a economia, os trabalhadores compreendem ainda mais a necessidade de valorizar o sistema público de saúde, os investimentos públicos e a mediação das entidades sindicais na defesa do emprego, dos direitos, da saúde e da vida.

Sindicato dos Bancários Rio; Associação de Aposentados e Pensionistas da Caixa Econômica Federal (APACEF); Associação de Gerentes da Caixa Econômica Federal (AGECEF); Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal (APECEF); Associação dos Advogados da Caixa Econômica Federal (ADVOCEF); Associação dos Servidores do Ex-BNH e CEF (ASAS-BNH); Associação dos Técnicos Sociais da Caixa (SOCIAL CAIXA); Associação Nacional dos Avaliadores de Penhor da Caixa Econômica Federal (ANACEF); Associação Nacional dos Engenheiros e Arquitetos da Caixa (ANEAC); Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (FENAE)

Responda a pesquisa e ajude a criar estratégias de combate ao coronavírus

Entre em nosso site (www.bancariosrio.org.br) e participe da pesquisa que vai contribuir para o Sindicato criar estratégias em defesa da saúde e da vida dos bancários e na luta contra a propagação do coronavírus.

Apoio aos terceirizados

O Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro e a Contraf-CUT continuam pressionando a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos) para que os bancos cumpram todo o protocolo de medidas de proteção aos bancários.

PROTEÇÃO PARA TODOS

No caso dos terceirizados, os sindicalistas cobram uma negociação para tratar da situação destes trabalhadores, o que ainda não aconteceu. “Não conseguimos fazer ainda com que os bancos ponham em prática o sistema de agendamento para evitar aglomerações no atendimento ao público. É preciso também abrir um canal de negociação para a situação dos terceirizados. Muitos destes empregados trabalham em mais de uma agência, o que aumenta ainda mais o risco de contágio do Covid-19 para eles e para os bancários. Não vamos abrir mão das medidas necessárias para proteger a saúde e a vida dos trabalhadores. Vamos continuar monitorando as agências e pressionando os bancos para proteger todos os empregados, bancários e terceirizados, a fim de que os bancos atendam a todas as nossas reivindicações”, explica a diretora do Sindicato, Nanci Furtado.

AGRESSÕES

Nota de repúdio da CUT

Em nota divulgada nesta segunda-feira (4), a Executiva Nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores) repudia as agressões a jornalistas que cobriam um ato de bolsonaristas no Distrito Federal, no último domingo (3), e aos profissionais da saúde que pediam melhores condições de trabalho para atender a população, na sexta-feira (1º de maio). Na nota, a Central manifesta solidariedade aos trabalhadores, exige apuração e punição aos agressores e cobra do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF) “ações efetivas que impeçam a escalada do autoritarismo que vem sendo “promovida ou estimuladas” por Jair Bolsonaro

1º de Maio: sobre esperança e orgulho em meio ao caos

Este 1º de maio é, certamente, diferente de todos os que já vivemos. Todos nós, trabalhadoras e trabalhadores, estamos mergulhados num cenário de incerteza e medo. Como em nenhum momento da história temos que lidar, diariamente, com o temor pela nossa vida e das pessoas que amamos, pelos nossos empregos e direitos, pela nossa liberdade.

A pandemia impôs uma forma de vida que foge ao nosso controle, afeta a rotina, dita novos hábitos que não escolhemos e não gostaríamos de adotar. Cidadãos e cidadãs de todo o mundo vivem desafios diários para manter a saúde física e mental. No Brasil, lidamos ainda com a insegurança de termos um governo que minimiza mortes e estimula a população e os empresários a desrespeitarem medidas de proteção vitais. Não tem sido fácil.

Para algumas categorias profissionais, o coronavírus além de ameaça é um desafio. São trabalhadoras e trabalhadores de serviços essenciais que não têm outra opção a não ser seguir trabalhando, cumprindo papéis fundamentais para que toda a população possa enfrentar essa crise. Nós, bancárias e bancários, fazemos parte desse grupo. Sim, cada um de nós sabe que não é possível suspender nossas atividades e esperar a pandemia passar. A população precisa ter acesso ao dinheiro, realizar pagamentos, comprar alimentos e, para milhões de brasileiros, a esperança de sobreviver vem dos benefícios que são pagos



profunda pelas vidas perdidas, três bancários no Rio de Janeiro, aos quais prestamos hoje nossa homenagem.

Mas chegamos ao 1º de maio de 2020 também com motivos para nos orgulhar do caminho que percorremos até aqui. Conseguimos o compromisso de manutenção de empregos dos três maiores bancos do país, negociações possibilitaram que mais de 200 mil bancários estejam hoje trabalhando em sistema de home office no país, a implantação de rodízios nas agências, a proteção para os mais vulneráveis, a adoção de medidas de proteção.

especialmente pelos bancos públicos. Nosso trabalho é essencial e isso precisa ser ressaltado no Dia do Trabalhador. Desde que os casos de Covid-19 chegaram ao Brasil, temos enfrentado uma luta sem trégua para garantir a saúde dos bancários e bancárias. Nós, do Sindicato dos

Hoje, publicamos fotos de bancários e bancárias que nos mostram, com imagens e palavras, a força que cada um deles tem. Ao olhar nossa categoria, sinto um orgulho imenso. Como sinto dos companheiros e companheiras do sindicato que continuam firmes, seguindo apesar de todas as dificuldades. Para essas mulheres e homens de fibra, quero mandar, ainda que à distância, um abraço e os parabéns por esse 1º de maio. Quero dizer que tenho sim, muito orgulho de ser bancária, como tenho orgulho de ser sindicalista e, num momento tão difícil como esse, poder apostar na solidariedade, no respeito e no apoio mútuo para seguir com esperança. Muito obrigada por caminharmos juntos/as. Parabéns pelo dia de hoje e pela história construída.

Adriana Nalesso

Presidenta do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro

BANCÁRIO

Presidenta: Adriana Nalesso – **Sede** – Av. Pres. Vargas, 502 /17º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 – Centro – Fax (Redação): (021) 2103-4112 – **Sede Campestre** - R. Mirataia, 121 - Tel: 2445-4434 (Pechincha/Jacarepagua) – **Secretaria de Imprensa** (imprensa@bancariosrio.org.br) – Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável **Coletivo de Imprensa:** Ronald Carvalhosa (Banerj/Itaú), José Pinheiro (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcellos - MTb 21335/RJ - **Redator:** Olyntho Contente - Mtb 14173/RJ - **Diagramadores:** Marco Scalzo e Fernando Xavier - **Fotos:** Nando Neves - **Secretário de Imprensa:** Celedon Broca – Secretaria de Cultura (cultural@bancariosrio.org.br) - Tel.: 2103-4150 – Secretaria de Bancos Públicos (bancospublicos@bancariosrio.org.br) Tels.:2103-4122/4123 – Secretaria de Bancos Privados (bancosprivados@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4121/4124/4172 – Secretaria de Saúde (saude@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4110/4116/4149/4176 – Secretaria do Jurídico (juridico@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4104/4125/4128/4173 – **Impresso na 3 Graph - Distribuição Gratuita - Tiragem: 16.000**

STF reconhece Covid-19 como doença do trabalho

Decisão da suprema corte vai na contramão da proposta de Bolsonaro e facilitará que o empregado contaminado busque seus direitos na Justiça



EXPOSTOS AO PERIGO - Aglomerações nas agências do Bradesco. O governo federal tem condições de dar um atendimento digno para a população sem colocar os bancários em risco

Os trabalhadores conseguiram uma importante vitória na Justiça que benéfica também diretamente a categoria bancária. Após mais de um mês da criação da Medida Provisória 927/2020, que dispõe sobre as medidas trabalhistas para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo

Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (covid-19), bem como outras providências, o Supremo TRIBUNAL Federal (STF) decidiu, em liminar julgada no dia 29 de abril, que os casos em que o trabalhador é conta-

minado por Covid-19 passam a ser considerados como doença ocupacional, equiparando-se a acidente de trabalho. A decisão atende a uma reivindicação dos trabalhadores. “É uma conquista importante para todos os trabalhadores e que beneficia diretamente a categoria bancária. Já que os bancos estão obrigando os funcionários a trabalhar, portanto nada mais justo do que incluir o Covid-19 como doença ocupacional caracterizando o acidente de trabalho, já que os patrões estão colocando os trabalhadores em perigo de contágio” comemora o diretor da Secretaria de Saúde do Sindicato, Gilberto Leal.

EXPLICAÇÃO DA EMENTA

A MP 927/2020 prevê que empregado e empregador poderão celebrar acordo individual escrito, a fim de garantir a permanência do vínculo empregatício, que terá preponde-

rância sobre os demais instrumentos normativos, legais e negociais, respeitados os limites estabelecidos na Constituição Federal. Permite, para enfrentamento dos efeitos econômicos decorrentes do estado de calamidade pública, a adoção pelos empregadores, dentre outras, as seguintes medidas: o teletrabalho; a antecipação de férias individuais; a concessão de férias coletivas; o aproveitamento e a antecipação de feriados; o banco de horas; a suspensão de exigências administrativas em segurança e saúde no trabalho; o direcionamento do trabalhador para qualificação (com suspensão do contrato de trabalho pelo prazo de até quatro meses); e o deferimento do recolhimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço - FGTS. Dispõe ainda sobre a jornada de trabalho para os estabelecimentos de saúde. Estabelece ainda que os casos de contaminação pelo coronavírus (covid-19) serão considerados doenças ocupacionais mediante comprovação donexo causal.

Caos no auxílio emergencial: Governo explora bancários e prejudica a população

Sindicalistas denunciam estratégia do Palácio do Planalto de manchar a imagem da instituição para fortalecer o projeto de privatização

O pagamento do auxílio emergencial do Governo Federal visando atender a população mais vulnerável e aos trabalhadores desempregados está um verdadeiro caos. A incompetência do Palácio do Planalto e da direção da empresa tem gerado aglomerações e milhares de pessoas alegam dificuldade para sacar os R\$600. Na avaliação do movimento sindical a situação caótica pode ser proposital para manchar a imagem do banco público e ganhar apoio da sociedade

para o projeto de privatização da instituição financeira. Na avaliação dos sindicalistas o banco tem condições de realizar um atendimento digno ao público sem colocar os empregados em risco, em função das aglomerações que colocam em risco a saúde e a vida dos bancários e dos trabalhadores beneficiados pelo programa social emergencial. “Estranhamente o governo Bolsonaro e a Direção da Caixa não providenciaram antecipadamente os sistemas da empre-

sa para atender dignamente esta demanda”, critica o vice-presidente do Sindicato Paulo Matileti.

DESCASO COM OS TRABALHADORES

Se por um lado a população sofre com as enormes filas, os empregados da Caixa não medem esforços para oferecer o melhor atendimento possível, sendo pressionados a ultrapassar a carga horária de seis horas diárias e a realizar trabalhos nos

finais de semana, sem a garantia de recebimento de horas extras. O Sindicato vem recebendo denúncias de agências fechando após as 22h e os empregados sendo orientados a não baterem o ponto com o horário correto de saída. Os sindicatos, o Comando Nacional dos Bancários e a Contraf-CUT protestam ainda contra o trabalho aos sábados e alertam que trabalhar sem registro do ponto é ilegal. Os empregados da Caixa podem denunciar as irregularidades ao Sindicato.

Banco do Brasil deixa funcionários expostos a risco de contaminação

São insuficientes as medidas previstas na instrução normativa do Banco do Brasil para evitar a contaminação nas agências com casos suspeitos ou confirmados de adoecimento pelo novo coronavírus, entre elas, a interrupção do funcionamento da unidade até a sua higienização, com o afastamento apenas de quem trabalha a dois metros da pessoa atingida pelo Covid-19. A avaliação é de Rita Mota, diretora do Sindicato e

integrante da Comissão de Empresa dos Funcionários do BB. A cobrança do afastamento total é sempre feita ao banco, mas negada.

A dirigente defendeu o afastamento de todos os funcionários como medida eficaz e preventiva para evitar a disseminação da doença que pode ser fatal. Lembrou que as pessoas circulam pelo local de trabalho e, se estiverem com o vírus, serão fonte de contaminação. Citou o

caso da agência Campo Grande, onde dois terceirizados – um vigilante, afastado na semana passada, por 14 dias, e uma funcionária da limpeza, nesta segunda-feira (4/5) – ambos com sintomas claros da Covid-19, em que a agência foi fechada para a higienização e voltará a funcionar normalmente, apesar destes trabalhadores terem tido contato com os demais funcionários. “A contaminação pode ter acontecido. A instrução nor-

mativa prevê o afastamento apenas de quem trabalha, em sua mesa, a dois metros do contaminado. Mas as pessoas interagem. No caso da terceirizada da limpeza, passa por todos os ambientes. Pode ter contaminado outras pessoas. A medida mais acertada é o afastamento e a permanência de todos em observação”, argumentou. Segundo a dirigente, manter todos trabalhando é incorrer num risco evidente para funcionários, terceirizados e clientes.

A BATALHA É DE TODOS NÓS

Sindicato soluciona vários problemas referentes ao coronavírus no Bradesco

Dirigentes sindicais estão na linha de frente lutando para proteger a vida e a saúde dos bancários

A ação do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro tem garantido soluções em inúmeras agências do Bradesco na luta pela proteção da vida e pela saúde dos funcionários, preservando inclusive, direitos previstos na Convenção Coletiva de Trabalho e fazendo valer os acordos firmados entre a Contraf-CUT (Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro) e a Fenaban (Federação Nacional dos Bancos).

Há casos, inclusive, em que unidades foram fechadas a pedido do movimento sindical em função de casos confirmados do Covid-19.

“Temos estado na linha de frente, visitando unidades bancárias em todas as regiões da cidade, atendendo denúncias dos funcionários, cobrando medidas de proteção da saúde para todos os bancários e preservando os direitos dos trabalhadores”, disse o diretor do Sindicato Sérgio Menezes.

Os diretores Arlense Tadeu, Geraldo Ferraz e Ronaldo Fernandes também têm acompanhando pessoalmente a situação dos bancários nas unidades diante da grave situação do coronavírus.

“A batalha contra esta terrível



Arlense Tadeu e Sérgio Menezes percorreram várias agências do Bradesco

pandemia é de todos nós. É um momento difícil para todo mundo, mas o Sindicato sempre estará ao lado da categoria”, destaca Arlense Tadeu.

MAIS UNIDADES DESINFETADAS

Sérgio Menezes e Arlense Tadeu cumpriram mais uma missão na terça-feira (28). Os dois dirigen-

tes sindicais amanhecaram na porta da Agência localizada na Estrada da Cacuia, Ilha do Governador, para apurar pessoalmente denúncias de casos de Covid-19. No momento em que chegaram ao local, a unidade estava sendo desinfetada.

A unidade do Prédio do Bradesco Pio X foi interditada na quarta-feira, 22, para também ser desinfetada e só voltou a fun-

Agências do Bradesco monitoradas pelo Sindicato

0226 Praça Saens Peña (Tijuca); 6518 Rua Uruguai, 261 (Andaraí); 6874 Jardim da Luz; 2545 Lapa; 1803 Presidente Vargas (Centro); 2545 Glória; 2921 Shopping Nova América; 0864 Praça Juru (Taquara); 0663 Largo da Penha; 2949 Shopping Milenium (Barra da Tijuca); 1995 Nicarágua (Rua Nicarágua, 210, Penha); 0447 Laranjeiras; 1499 Abolição; 1700 Santa Cruz; 1804 Freguesia; 7111 Vicente de Carvalho; 3325 Vila Kosmos (Av. Vicente de Carvalho, 789); 3249 Meier (Rua Dias da Cruz, 35); 3176 Cinelândia (Centro); 0469 Santos Dumont (Av. Franklin Roosevelt, 194, Centro); 2378 Largo do Bicão (Vila da Penha); 0473 Sete de Setembro (Centro); 6746 Rua Frei Caneca (Centro); 0436 Visconde de Inhauma, 58, Centro; 2957 Largo do Pechincha (Jacarepaguá); 1075 Barra da Tijuca (Av. Ministro Ivan Lins, 300); 2650 Prime Barra da Tijuca; 3262 Av. dos Democráticos (Bonsucesso); 3469 Edifício Amazônia (Visconde de Inhauma, 50, Centro); 1240 Av. Nova York (Bonsucesso); 6690 Sulacap; 6897 UERJ; 2490 Realengo; 3184 Ilha do Governador; Posto de Atendimento Bancário do Hospital Pedro Ernesto

cionar na segunda-feira, dia 4 de maio. A medida foi tomada a pedido do Sindicato. O banco se comprometeu ainda a fornecer todos os equipamentos de proteção necessários para proteger os bancários, os EPIs (Equipamentos de Proteção Individual), máscaras e álcool gel em todos os setores do prédio.

NINGUÉM FATURA TANTO

Bradesco lucra R\$3,8 bilhões no primeiro trimestre de 2020

O Bradesco lucrou R\$ 3,8 bilhões no primeiro trimestre de 2020. Pelos números apresentados pelo segundo maior banco privado do país, o resultado representa um queda de 39,8%, em relação ao mesmo período de 2019 e de 43,5% comparado ao quarto trimestre do ano passado. O retorno sobre o Patrimônio Líquido médio anualizado (ROE) ficou em 11,7%, com redução de 8,8 pontos percentuais em doze meses.

POR TRÁS DOS NÚMEROS

Muita gente estranha uma queda tão brusca nos lucros pouco antes do salto da curva de brasileiros infectados pelo coronavírus (janeiro a março), mas sindicalistas avaliam que por trás desses números está a elevação gigantesca da Provisão para Devedores Duvidosos (PDD). Os banqueiros já estão se precavendo com o cenário dos próximos meses de inadimplência de empresas e pessoas físicas, em função das consequências da crise



Almir Aguiar: “se tem um setor que não pode reclamar dos lucros é o sistema financeiro”

do coronavírus, que afetará o setor produtivo e aumentará ainda mais o desemprego.

O curioso é que os bancos já sabem que o projeto do ministro da Economia e também banqueiro Paulo Guedes, mesmo antes da pandemia, já levava o país, de vez, para o fundo do poço.

“Não é por acaso que o Guedes deu ao sistema financeiro, através do Banco Central, R\$1,2 trilhão e vai comprar moedas podres, ou seja, adquirir com dinheiro público os investimentos especulativos que deram prejuízos para as insti-

tuições financeiras”, explica o diretor do Sindicato e secretário de Combate ao Racismo da Contraf-CUT, Almir Aguiar.

O próprio relatório do banco revela que a queda nos ganhos é motivada, principalmente, pelo aumento das despesas com PDD, que foram impactadas, neste trimestre, pelo reforço de provisão de R\$ 2,7 bilhões, em consequência do cenário econômico adverso de isolamento social em função da pandemia do Covid-19, que poderá resultar no aumento do nível de inadimplência, com falência de

empresas e degradação das garantias para o cumprimento dos compromissos de pessoas jurídicas.

DEMISSÕES CONTINUAM

Almir destaca que o único setor que não tem o direito de se queixar dos lucros é o sistema financeiro. “Os bancos não têm do que reclamar. Além da gorda ajuda do ‘bolsa-banqueiro’ do Governo Bolsonaro, acabam de aumentar os juros enquanto no mundo inteiro tem sido praticado juros zero e até negativo, além de ganharem muito dinheiro ainda com cobrança de tarifas. Apesar disso o banco continua demitindo funcionários”, acrescenta Almir.

A receita com prestação de serviços e tarifas bancárias cresceu 4,9% em doze meses, totalizando R\$ 6,7 bilhões. A cobertura destas despesas pelas receitas secundárias do banco, no período, foi de 133,4%. A holding encerrou o primeiro trimestre de 2020 com 97.234 empregados, uma redução de 1.922 postos de trabalho em doze meses. No mesmo período, foram fechadas 194 agências.